

Mulheres Negras Evangélicas e o Processo de Autoformação

BARBOZA, Vanessa Maria Gomes ¹

SOUZA, Ana Paula Abrahamian de ²

RESUMO

O presente artigo é parte das análises da pesquisa autobiográfica em educação, movimentos sociais e práticas coletivas, sobre o processo de autoformação das mulheres negras evangélicas ativistas sociais no Brasil. O lócus da investigação é o movimento progressista evangélico, especificamente da recém-criada Rede de Mulheres Negras Evangélicas (2018) das quais fazem parte a pesquisadora as interlocutoras da pesquisa. Por meio do método autobiográfico e das epistemologias feministas construiu-se o caminho metodológico de aproximação e sistematização da realidade, e da análise interpretativa as reflexões das categorias: Experiência, Diálogo e Prática Política sobre as quais se buscou conhecer a importância do movimento social no processo de autoformação das sujeitas da pesquisa. Os resultados indicam uma autoformação comprometida com a mudança social, com a luta antirracista e antissexista, e com a construção de identidades dissidentes em meio ao conservadorismo e fundamentalismo religioso fortemente presente na sociedade brasileira.

Autoformação. Negras Evangélicas. Movimento Social.

Evangelical Black Women and the Self-Training Process

ABSTRACT

This article is part of the analysis of autobiographical research on education, social movements and collective practices, about the self-formation process of black evangelical social activists in Brazil. The locus of the investigation is the progressive evangelical movement, specifically the newly created Evangelical Black Women Network (2018) of which the researcher is the interlocutor of the research. Through the autobiographical method and feminist epistemologies, the methodological way of approaching and systematizing reality was constructed, and the interpretative analysis the reflections of the categories: Experience, Dialogue and Political Practice, which sought to know the importance of social

¹ Mestra em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE). Email: vanessagomespe@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8455673327808325>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9831-6297>.

² Doutora em Educação (PPGE-UFPE). Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (DEd-UFRPE). E-mail: apabrahamian@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/59444309643014109>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4321-3458>.

movement in the process. self-training of the research subjects. The results indicate a self-formation committed to social change, anti-racist and antisexist struggle, and the construction of dissident identities amidst conservatism and religious fundamentalism strongly present in Brazilian society.

Self-training. Black Evangelicals. Social Movement.

Mujeres evangélicas negras y el proceso de Auto-Formación

RESUMEN

132

Este artículo es parte del análisis de la investigación autobiográfica en educación, movimientos sociales y prácticas colectivas, sobre el proceso de auto formación de mujeres negras evangélicas activistas sociales en Brasil. El centro de la investigación es el movimiento progresista evangélico, específicamente la Red de Mujeres Negras Evangélicas (2018) recientemente creada, de la cual la investigadora y los interlocutores de investigación forman parte. A través del método autobiográfico y las epistemologías feministas, se construyó el camino metodológico de aproximación y sistematización de la realidad, y se construyeron las interpretaciones de las reflexiones de las categorías: Experiencia, Diálogo y Práctica Política sobre las cuales buscamos conocer la importancia del movimiento social en el proceso de auto-formación de las sujetas de investigación. Los resultados indican una auto-formación comprometida con el cambio social, con la lucha antirracista y antisexualista, y con la construcción de identidades disidentes en medio del conservadurismo y fundamentalismo religioso fuertemente presente en la sociedad brasileña.

Autoformación. Negras evangélicas. Movimiento social.

Donne evangeliche nere e processo di auto-formazione

SINTESE

Questo articolo fa parte dell'analisi della ricerca autobiografica in educazione, movimenti sociali e pratiche collettive, sul processo di auto-formazione delle attiviste sociali delle donne di colore evangeliche in Brasile. Il focus della ricerca è il movimento evangelico progressivo, in particolare la nuova Evangelical Black Women Network (2018), di cui fanno parte il ricercatore e i partner di ricerca. Attraverso il metodo autobiografico e le epistemologie femministe, è stato costruito il percorso metodologico di approssimazione e sistematizzazione della realtà e sono state costruite le interpretazioni delle riflessioni delle categorie: esperienza, dialogo e pratica politica su cui cerchiamo di conoscere l'importanza del movimento sociale nel processo di auto-formazione delle materie di ricerca. I risultati indicano un'auto-formazione impegnata nel cambiamento sociale, con la lotta antirazzista e antisessualista e con la costruzione di identità dissidenti tra conservatorismo e fondamentalismo religioso fortemente presenti nella società brasiliana.

Auto-allenamento. Neri evangelici. Movimento sociale.

INTRODUÇÃO

No ano de 2017 e eu estava iniciando minha participação no Movimento Negro Evangélico em Recife-PE. Por ocasião de uma roda de conversa com o grupo de mulheres do movimento, li o artigo “Vivendo de Amor” da escritora afro-americana bell hooks. O que me capturou nas reflexões da autora foi à centralidade do amor – ou a prática de amar - como base para toda a transformação social e superação de opressões. Depois de Paulo Freire, sempre foi muito escasso ver o amor sendo tomado como categoria de análise das relações sociais na academia e até mesmo nos movimentos sociais. Por vezes, o amor é deixado de lado até mesmo nos entremeios das lutas.

Durante minha graduação, pós-graduações, formações complementares no espaço acadêmico e fora dele, eu me esforço para recordar das aulas onde o amor fosse tomado como categoria de análise central, método, perspectiva epistêmica ou qualquer outra dimensão de ensino. Embora eu reconheça o compromisso e aproximação com o conceito de “humanidade” na fala de algumas mestras/doutoras, esse é um esforço que me frustra. E, frustrações à parte, foi durante a intersecção entre minha formação acadêmica e religiosa que tive acesso à educação freiriana. Foi espetacular conhecer como Paulo Freire rompe com esse contexto hostil e frio e me apresenta uma nova proposta humanista e amorosa de formação de pessoas. E, além de Freire, as teorizações feministas em suas diversas correntes interpretativas, também reivindicam o lugar do corpo e das emoções como dignos de avaliação dos contextos sociais.

Na minha autoformação e na de muitas mulheres negras evangélicas, a religião é o campo onde as emocionalidades são centrais, são a fonte de comunicação com o sagrado e com outras pessoas. Nossas emoções nos movimentam ou nos paralisam e são convertidas em ação política no mundo. Nascer mistura, moreninha, morena clara, amarelada é uma imposição cultural baseada no branqueamento que prevê a dissolução da identidade racial de uma grande população negra brasileira e eu vivo isso no meu corpo que crê em Deus. A frase atribuída a Lélia Gonzales: “*tornar-se negra é uma conquista*” faz todo sentido para mim hoje. Reconhecer-me como negra e ter que me afirmar cotidianamente em espaços de poder branqueados como a universidade pública e a igreja evangélica brasileira são emocionalmente e moralmente desgastantes. E eu percebo que essa luta diária também é corrosiva para minhas irmãs negras evangélicas.

Ser mulher negra, periférica, pobre, evangélica e ativista social não diz respeito apenas a mim. Diz muito sobre um grupo expressivo de mulheres

negras empobrecidas que lutam cotidianamente por suas vidas, suas famílias e suas comunidades. A pesquisa buscou refletir sobre os elementos que constituem os processos de autoformação de mulheres negras religiosas inseridas em coletividades, em especial o movimento social de evangélicos progressistas. Nesse sentido, o método autobiográfico surge para teorizar minha trajetória e as de outras mulheres negras evangélicas e depor sobre como no decorrer da vida determinados espaços e acontecimentos nos formam para a emancipação mesmo diante de contrariedades estruturais. As epistemologias feministas da teologia feminista, do feminismo negro e latino-americanas serão a base das análises interpretativas dos relatos e depoimentos.

134

Pensar os aspectos educativos/pedagógicos dos movimentos sociais que transformam as trajetórias de vidas se estabelece como um desafio. Transversalizar gênero, raça, religião e política é uma complexidade que tenciona dimensões paradigmáticas baseadas em fundamentalismos, conservadorismo e androcentrismo no pensamento cristão ocidental em ambivalência à autonomia, emancipação, coletividade e educação libertária. E isso realça a responsabilidade de sistematizar um conhecimento com profundo caráter político e repensar a importância da educação não-formal nos processos de formação cidadã das pessoas.

Inspirações Teórico-Methodológicas

Das memórias sobre a participação no movimento social progressista evangélico resgatam sentimentos que podem ser considerados contraditórios: poder, força, alívio, culpa, tristeza, excitação. Não há como falar sobre elas com neutralidade. Foram experiências emocionais vividas no corpo e na mente. As epistemologias feministas são assumidas por mim como chaves de compreensão da realidade e produção de conhecimento.

Reconhecer nas destabilizações emocionais causadas pela reatualização/autoatualização de si em processo de mudanças, a potência da produção de estratégias de sobrevivência e de construção de novos saberes. A fala de bell hooks (2013) me afeta muito, pois expressa umas das minhas principais motivações em busca de conhecimento a partir da escolarização e profissionalização nos estudos de nível superior (motivação que não se limita à minha experiência, mas as das minhas irmãs negras)

Para mim, a teoria nasce do concreto, dos meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas. Isso para mim é o que torna possível a transformação feminista (HOOKS, 2013, p.97)

Esse reconhecimento da indissociabilidade entre teoria e prática foi o que me fez andar em coletivo. Foi o que me fez agir. Foi o que me fez articular e fundar o Coletivo Vozes Marias (CVM) e reivindicar a condição das mulheres no mundo a partir de um olhar cristão-protestante. Me fez ampliar as dimensões da realidade por meio da categoria raça e política. As restrições da tão desejada irmandade feminina (embranquecida) me fizeram transitar do CVM para o Movimento Negro Evangélico (MNE) onde as implicações das tensões nas relações inter-raciais são tratadas de modo mais próximo as minhas necessidades e vulnerabilidades de mulher negra e dão lugar ao surgimento da Rede de Mulheres Negras Evangélicas.

Em vez de explorar as razões pelas quais essa hostilidade existe ou de lhe atribuir alguma legitimidade como reação adequada à dominação e à exploração, elas veem a mulher negra como teimosa, problemática, irracional e louca [...] O apelo feminista contemporâneo pela irmandade, o apelo das brancas radicais para que as mulheres negras e todas as mulheres de cor entrem no movimento feminista, é visto, por muitas negras como mais uma expressão da negação, por parte das mulheres brancas, da realidade da dominação, de sua cumplicidade na exploração e opressão das mulheres negras e dos negro em geral.” (HOOKS, 2013, p.139).

No processo de conscientização pelo qual eu passava, mergulhando na explicação e compreensão das violações que eu havia sofrido durante toda a vida, dentro e fora do contexto religioso ou em decorrência dele, a educação popular, a teologia feminista e a hermenêutica feminista negra foram bússolas e o movimento social foi à terra firme. O resgate da minha capacidade de escolha, de decidir por mesma foi a grande contribuição desse processo educativo e revolucionário. Cada passo, cada escolha que fiz eu estive inteiramente e corpo. Mesmo sofrendo as represálias por buscar aquilo que me fazia plena como ser espiritual e política no mundo.

A(s) Experiência(s)

A experiência como elemento nuclear no processo de autoformação e autoaprendizagem é a primeira categoria de análise que emerge das leituras teóricas e do campo de pesquisa. Por isso, as contribuições da Marie-Christine Josso (2004) sobre a experiência como condição formadora para as sujeitas e sujeitos torna-se relevante nestas reflexões.

Experiência é ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é auto-evidente, nem definido: é sempre contestável, portanto, sempre algo político. (SCOTT, 1995, p.48).

O conceito de experiência como referencial que auxilia a avaliar acontecimentos, situações ou atividades, se constrói por meio da elaboração: a) ter experiências; b) fazer experiências; c) pensar sobre as experiências reverberando num processo de reflexão que muito se aproxima ao conceito de conscientização já propagado por Paulo Freire (1984),

Nessa reflexão também encontramos a dialética entre o individual e o coletivo, mas desta vez sob a forma de uma polaridade; de um lado empenhamos nossa interpretação (*nos auto-interpretamos*) e, por outro, procuramos no diálogo com os outros uma co-interpretação da nossa experiência. É neste movimento dialético que nos formamos como humanos, quer dizer: no pólo da auto-interpretação, como seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização; mas, ao mesmo tempo, no pólo da co-interpretação, partilhando uma destino comum devido ao nosso pertencer a uma comunidade.” (1984, p.54)

Por isso que a aprendizagem, fruto da experiência formadora, que articula conscientemente e elaboradamente atividade, sensibilidade, afetividade e ideação (FREIRE, 1984, p.48) se revela, sobretudo, na capacidade de articular compreensão à posicionamento diante das questões postas pelo cotidiano, e no caso desta pesquisa, com relação à práxis das mulheres negras evangélicas na sociedade. Assim, para Josso (2007), experiência, autoformação e aprendizagem fazem parte da construção da identidade, do constante *vir-a-ser* das pessoas e do reconhecimento de que somos seres inacabados, como parte complexa da existencialidade. Essa identidade que é individual, mas construída coletivamente por cruzamentos de fatores religiosos, culturais, familiares, político e econômico, revela a capacidade do ser de inventar a si, admitindo a variabilidade e mutação humana, rupturas e ligações com o contexto sócio-histórico.

Para as teorias feministas e sua crítica ao modelo hegemônico androcêntrico de produção de conhecimento ocidental, a experiência ocupa um lugar de centralidade como categoria de análise para pensar a existencialidade das mulheres enquanto sujeitas de suas histórias embora vítimas das perversas subjugações do sistema de dominação patriarcal.

Em seu artigo “*Experiência*” Joan Scott (1995) defende a importância de tornar visíveis as experiências das pessoas acerca das práticas sociais socialmente estigmatizadas, tornando-as assim “*politizadas*”. Scott concebe experiência como algo a ser explicado e não definido, algo inacabado que merece um trato especial no campo da historiografia.

Quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o/a historiador/a que a relata) torna-se alicerce da evidência sobre o qual se ergue a explicação. A experiência [...] torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (por que vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (SCOTT, 1995, p.26,27).

Essas concepções sobre a(s) experiência(s) enquanto um processo que parte do individual ao contextual e por isso histórico-político, é percebida nos relatos das interlocutoras desta pesquisa, ao relacionarem suas experiências pessoais com os contextos. Ao revisitarmos criticamente acontecimentos, ambientes e emoções vivenciados em contextos diversos, passamos pelo processo de reelaboração e ressignificação onde a experiência resultante reverbera em mudança de postura ética e política em relação às pessoas e às instituições.

Nesse sentido, a fala da entrevistada N.S. indica essa relação entre experiência vivida e mudança de comportamento. Ela relata uma experiência que, segundo ela, marcou sua vida pessoal e profissional. O episódio aconteceu durante o atendimento a uma mulher evangélica em situação de violência sexual (estupro) praticada pelo próprio companheiro íntimo (esposo) que era da mesma religião (evangélico). Após o relato deplorável da vítima, N.S. se sentiu confrontada enquanto profissional e enquanto cristã-evangélica, ela afirma

“Foi um marco pra mim essa jovem, e depois disso eu comecei a descobrir muitas coisas, eu comecei a buscar, eu comecei a perguntar a Deus, que Deus abrisse minha mente para que eu conhecesse a Lei Maria da Penha e eu comecei a andar e a querer saber e a ler como é que era essa lei. [...] Então o que o movimento fez, o que essas ONGs, esses movimentos que eu tenho participado é total mudança e crescimento, visão, as escamas caem dos seus olhos e você contempla verdadeiramente um Deus que é vivo, um Deus que faz justiça.” (FALA DE N.S. em situação de entrevista).

Quando estive na articulação do Grupo da Rede Fale em Recife, eu também vivia a experiência profissional de técnica social num Centro de Referência da Assistência Social em um município da Região Metropolitana de Recife. Tanto no trabalho quanto no Grupo Fale, eu me deparava regularmente com depoimentos e compartilhamentos de experiências de mulheres em ou sobre situações de violências (todos os tipos de violência). Especificamente na Rede Fale, os grupos de reflexão culminaram na criação de um grupo de estudos

sobre relações de gênero e cristianismo e posterior organização do Coletivo Vozes Marias.

Para nós duas, a condição de mulheres e profissionais³ em contextos religiosos nos permitiu o desencadeamento de um processo reflexivo e crítico necessário para nossa mudança pessoal de pensamento e engajamento coletivo na luta pelos direitos das mulheres através do enfrentamento à violência contra a mulher. Isso, considerando o fato de que nós mesmas vivenciamos diferentes violações durante nossas vidas, e que buscamos na dimensão da religiosidade os elementos simbólicos para ressignificar nossas dores e aderir à luta política. Já a entrevistada L.S., reconhece nos espaços de educação não formal dos movimentos sociais a importância dos processos formativos que fortaleceram sua identidade pessoal proporcionando autodefinição e a construção de uma postura institucional e religiosa comprometida com as causas das raciais e de gênero

138

As vivências das ações educativas dos movimentos sociais citados me oportunizaram maior consciência de que meu fazer cotidiano como teóloga feminista negra e como sacerdotisa episcopal anglicana deve ter essa marca interseccional, adotando uma hermenêutica feminista negra que me oportuniza qualificar as minhas práticas cotidianas. (FALA DE L.S. em situação de entrevista).

A dimensão pedagógica dos movimentos sociais é crucial em minha autoformação como foi à vida da L.S. Ao me aproximar do movimento feminista em Recife e, sobretudo do movimento progressista evangélico eu pude aprofundar as questões confrontadoras sobre teologia e política. O contato com a teologia feminista oportunizou vivências determinantes para uma autoatualização e autodefinição da dimensão espiritual da vida e da minha práxis. É isso que a teologia feminista propõe: a produção de novas teologias que advenham das experiências das mulheres (GEBARA, 1997; 2008, PEREIRA, 2013) e, foi essa perspectiva que favoreceu as releituras das nossas vivências, transformando-as em experiências transformadoras.

Essa possibilidade de fissurar com os códigos sociais da cultura machista e racista impregnada nas diversas igrejas evangélicas, já provada pela teologia feminista, é experimentada por nós mulheres negras evangélicas ativistas sociais no movimento progressista evangélico, que protagoniza alguns importantes tensionamentos políticos e teológicos nesse segmento. Enquanto mulheres negras evangélicas e ativistas sociais, lidamos diariamente com as

³ Eu e N.S. somos bacharéis em Serviço Social e assistentes sociais na prática. Acredito que essa formação crítica, conforme nosso Código de Ética Profissional (1993), foi extremamente relevante para facilitar nossa adesão ao movimento de mulheres mesmo sendo adeptas de religiões historicamente fundamentalistas e androcêntricas.

ambivalências entre conservadorismo/progressismo no seio do movimento progressista evangélico. Ao mesmo tempo em que sentimos emoções positivas sobre autoreconhecimento e autovalorização, temos de lidar com uma herança de pensamentos legalistas e repressores sobre como devemos ser, sentir e agir numa perspectiva conservadora, machista e racista.

Por isso, as contradições provenientes de relações sociais desiguais baseadas em sexismo e racismo são ressignificadas quando nossa experiência é reelaborada. A partir de nossas reelaborações, de nossas experiências sociais e espirituais, estamos diante de uma postura de ruptura, reconciliação ou transgressão dos sistemas simbólicos em que estamos religiosamente contextualizadas (HOOKS, 2015). Segundo a teóloga e pesquisadora Anete Roese (2015) no artigo "*Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI*" nós, mulheres evangélicas, temos vivido um novo ressignificar de nossa espiritualidade por meio de uma *desobediência silenciosa*, no âmbito individual, e num processo que ela retoma da Lugones (2014), chamado de "subjetividade ativa" que é característico de grupos e pessoas que resistem a contextos de múltiplas opressões

Ou seja, a dinâmica das pastoras e das mulheres que rompem com o pertencimento obediente aponta para uma subjetividade ativa, por meio da autonomia, inclusive econômica, da liderança e do poder que assumem, ainda que seja sobre a sua própria vida e a de sua família. Em suma, agenciam uma nova subjetividade, uma subjetividade ativa, criativa, pois se apresenta uma inventividade e uma nova dinâmica de vida que rompe com os colonizadores modernos e atuais. (ROESE, 2015, pp.1554-1555).

A presença da hermenêutica feminista (negra) na ressignificação das vivências verbalizadas pelas mulheres negras evangélicas tem importância ímpar no processo de autoformação. Conforme aponta a tese da Geíse Pinto (2017), a perspectiva dessa hermenêutica influencia uma releitura do contexto social que reatualiza uma postura ética em relação a si mesma e ao mundo. A hermenêutica feminista negra nos posiciona não apenas como mulheres, mas como mulheres negras evangélicas, por isso, bíblicamente situadas e identificadas. A experiência de ser mulher negra evangélica e ativista social abarca uma série de atravessamentos que passam por condicionantes e determinantes oriundos de uma herança colonial, patriarcal, racista, africana e ameríndia-indígena. Esses atravessamentos se atualizam no contexto neoliberal, de retrocessos políticos e ao mesmo de avanços jurídicos/legais em relação aos direitos das mulheres.

Cabe destacar que a dinâmica de propor a estratégia de uma *hermenêutica feminista negra* se conjuga a um movimento e exercício simultâneo de construção de uma identidade coletiva. É um esforço duplo, em que persistem a necessidade e a estratégia de se nomearem negras e denunciarem o racismo e o sexismo vividos, ao mesmo tempo que transformam esses lugares e apontam para novas definições do que é ser negra, sempre em movimento e transformação. (PINTO, 2017, p.118)

Como situar um lugar de fala que expresse nossa autodefinição nessa conjuntura de agudos avanços e retrocessos? A teologia feminista, por meio de uma hermenêutica negra, oferece as ferramentas pedagógicas para uma reflexão sobre si, sobre a comunidade e sobre o mundo que aponta

140

Apesar de toda experiência de dor, a comunidade negra hoje se aproxima da Bíblia porque acredita que ela pode ser também uma fonte de alegria e prazer, quando negras e negros tornam-se sujeitos na leitura bíblica. É uma reivindicação legítima o enegrecimento da teologia e das teólogas e dos teólogos, porque a reflexão teológica deve partir da mulher negra e do homem negro, uma vez que uma teologia vinda de fora é susceptível de ser colonizadora. (CALDEIRA, 2013, p.1192).

É a partir dessa releitura de si e do mundo, mediada pela espiritualidade feminina, humanitária e coletivista, que nossas experiências ganham centralidade para a ação política em meio religioso intoxicado por fascismo social⁴ frente à crise do Estado Democrático de Direito no Brasil. Infelizmente, a maioria das instituições e organizações que reproduzem e sustentam discursos baseado no cristofascismo⁵, contribuem para a manutenção de um status quo ligado ao desmonte dos direitos sociais que afeta diretamente a vida das mulheres negras. Entretanto, nossas vivências políticas, organizativas e associativista são experiências educativas para a vida em comunidade de fé e, embora nem todas consigamos permanecer nos moldes de uma organização engessada na legalidade, encontramos alternativas de cultivar nossa fé em coletividade. Por isso, nossas vivências sociais, espirituais e afetivas nesses ambientes se tornam possíveis à medida que utilizamos ferramentas como a

⁴ O conceito de fascismo social que emprego aqui se refere ao utilizado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (2010) e em entrevista dada a Unisinos disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/563035-a-dificil-reinvencao-da-democracia-frente-ao-fascismo-social-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos> acesso em 21 de Junho de 2019.

⁵ O conceito de cristofascismo é originalmente atribuído a teóloga alemã Dorothee Sölle e foi resgatado por intelectuais do movimento progressista evangélico para analisar as relações políticas que envolvem a bancada evangélica e lideranças religiosas evangélicas de forte influência midiática desde os anos de 2016 agravado durante as eleições de 2018. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803> e <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/> acessados em 22 de junho de 2019.

teologia feminista e a hermenêutica feminista negra como recurso para criar brechas de resistências, onde amparamos nossa autoidentificação como cristãs-evangélicas e negras como uma política do cotidiano possível

Recuperar a experiência humana é situar-nos na tradição de nossos antepassados e antepassadas, cujos corpos vibraram como os nossos ao vivenciar a atração e repulsão vivida em relação a tantas coisas de nosso cotidiano. Isto tudo nos abre o combate a alienações que o mantem cativas (os) de um sistema autoritário que limita nossa capacidade de beber de nossa experiência. (GEBARA, 1997, p.59).

141

Nesse sentido, nossas vivências de reinvenção do cotidiano permitem o desencadeamento do processo pedagógico de autoformação uma vez que os elementos de vivência, reflexão, elaboração, interpretação e reelaboração em experiência permitem o desfrute das dimensões educativas dos movimentos sociais e das igrejas ou espaços religiosos no qual comungamos, visto que nestes últimos há fissuras baseada nas transgressões criadas por nós ou por nossas antecessoras (ROESE, 2015) como na fala da interlocutora D.C.

Foi (e permanece sendo) o entrelaçar da minha história pessoal com as repercussões individuais e coletivas de uma sociedade que tem o machismo e o racismo como sistemas estruturais e estruturantes que me levou (e me leva) aos movimentos sociais e aos coletivos organizados na luta antirracista e antissexista. (FALA DE D.C. em situação de entrevista).

Por isso, a experiência é o lócus da aprendizagem na autoformação (LAROSSA, 2002; GONH, 1999). É nela e a partir dela que os processos sociais são sentidos, pensados e reinterpretados na ação política. E ainda, seguindo as reflexões de Larrosa “*podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo*”, *pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação*” (2002, p.25).

Para nós, mulheres negras evangélicas, este lugar experiencial e cotidiano, ilustrado pelos cenários das igrejas e dos movimentos sociais produzem os saberes possíveis para driblar as ações de necropolítica e fascismo social em que vivemos historicamente. Este local é relacional e a teologia feminista media a digestão entre os acontecimentos da realidade e as motivações subjetivas e cognitivas baseadas na noção de espiritualidade e fé de cada uma nós.

Dessa Teologia deriva a Hermenêutica Negra Feminista, em que a “mulher negra passa a ter visibilidade e se assume como intérprete e artífice da história”. A preocupação primária da

Hermenêutica Negra Feminista é pela situação concreta do racismo, sexismo, classismo, subjacente à experiência das mulheres negras na América Latina. Essa hermenêutica compreende que é necessário desmascarar a pretensa neutralidade histórica, bem como resgatar a mulher negra da condição a que foi submetida pelo imaginário sociorreligioso, formado por uma interpretação branca androcêntrica. (CALDEIRA, 2013, p.1194).

É a partir do *saber da experiência* que nossa autonomia é sublinhada e fortalecida à medida que cotidianamente fazemos escolhas em direção à liberdade individual, coletiva e ambiental.

142

O Diálogo

Outra importante categoria de análise para a compreensão de elementos de autoformação é o diálogo. Nessa pesquisa, o diálogo aparece nas teorizações das pedagogias educacionais e pedagogias feministas (FREIRE, 1984; LOURO, 1997/2000; KOROL, 2007; HOOKS, 2015), a através da pesquisa documental, como nos relatórios⁶ de atividades da Rede Fale (2014), do Coletivo Vozes Marias (2014, 2015 e 2016), nos espaços de formação Movimento Negro Evangélico no Encontro de Mulheres Negras Cristãs e no Manifesto da Rede de Mulheres Negras Evangélicas (2018).

As pedagogias feministas se utilizam historicamente do método dialógico para fundamentar seus trabalhos de base. Valorizar o lugar de fala das mulheres e usar o diálogo como método é tradicional nas abordagens feministas. O diálogo, numa perspectiva freiriana, é pensado pelo caráter libertador ao promover conscientização, e facilitar o acesso ao conhecimento e aos saberes trocados pelas pessoas em processo de aprendizagem (CAMURÇA, 2010; LOURO, 1997; 2000).

O diálogo como método, aproxima as pessoas com vivências similares ou não e permite não só a identificação, mas a troca de saberes acionando o processo de reatualização de cada sujeita (HOOKS, 1997). Esse efeito também é significativo na vida das mulheres negras evangélicas que lidam com contextos institucionais de extrema ambivalência, tanto na igreja quanto nos movimentos sociais ou em suas comunidades, como afirma a interlocutora A.S.

⁶ A partir das atividades listadas nos relatórios descritivos da Rede Fale e do Coletivo Vozes Marias, eu pude verificar que todas as atividades – exceto eventos de grande porte para público externo – foram realizadas tendo como meio e processo de trabalho a perspectiva dialógica onde todas as pessoas poderiam se posicionar a partir da verbalização e da escuta atenta e crítica a respeito dos temas pautados pelos grupos.

A troca foi muito importante para minha desconstrução. Pude entender melhor, por exemplo, sobre racismo. No bairro que moro não é algo muito velado, mas no mundo fora dele sim sendo que as demais formas do sistema eu não conseguia dar nomes, só sofria pelo que acontecia. Aprendi (e aprendo) muito dentro do Movimento em relação a isso. Também a desconstrução opressora sobre a comunidade LGBT e o quanto eu não percebia que era de certa forma homofóbica graças a esse aprendizado religioso. Minha visão mudou tanto de como fazer uma leitura bíblia mais honesta, quanto de abraçar o meu irmão na condição existencial dele e não de escolha. (FALA DE A.S. em situação de entrevista)

Eu e A.S. passamos pelo processo de “desconstrução” de paradigmas. A educação bancária que recebemos ao longo da vida, na escola, na igreja e em outras dimensões pedagógicas, estava sedimentada em bases epistemológicas androcêntricas e eurocêntricas. Através do diálogo, eu vivi o processo de qualificar minha escuta em contexto de relação com mulheres e homens que não comungavam do mesmo processo de que vivia. Uma qualificação que exigiu de muito mim e que diz respeito às condições de existência do diálogo: amor, fé, confiança, humildade, esperança e criticidade (FREIRE, 1984). Embora pareçam elementos naturais da existência humana em coletividade, muito ainda faltava a ser cultivado e resgatado em minha vida desde um paradigma do bem viver.

Por isso, o diálogo mediatizado pela fala, nunca é desprezioso em seus resultados. Cada fala verbaliza memórias e emoções revividas e situadas em tempos e espaços que nos construíram, nos constroem, e nos construirão

As rodas de conversas nos momentos de oficinas foram cruciais para ouvir diversas histórias e expor situações pelas quais eu passei que depois da nova formação pós quebras de paradigmas podia enxergá-las com a veracidade que foram, racismo e violências que sofri, sobretudo na infância. (Fala de Lorena, em situação de violência)

O diálogo, no processo de autoformação, desobstrui entraves cognitivos e emocionais geradas das diversas opressões que atravessam a vida das pessoas e grupos subalternizados e subjugados, e em particular a vida das mulheres negras. À medida que eu falava e ouvia, eu lembrava e doía. E a dor sarava um pouco mais. Algumas dores levaram anos para cicatrizar. Outras ainda permanecem. Assim, como fala E.L

Ao lembrar da minha vivência, creio que dois pontos foram marcos para minha autoformação: O diálogo sobre questões macro e o silenciamento sobre questões individuais e identitárias. Sempre foram levantados debates sobre o todo, mas as individualidades, sobretudo dos grupos marginalizados,

eram esquecidos. Nisto, se tornaram fatores determinantes a busca pela afirmação da minha identidade, em meio a um grupo e a necessidade da compreensão a partir do lugar em que falávamos. (FALA DE E.L. em situação de entrevista)

Como depõe E.L., além de cura, o diálogo também é processo de pedagógico coletivo e de autoformação individual. Essa importância educativa está sublinhada pelo Manifesto da Rede de Mulheres Negras Evangélicas (2018). Ao mesmo tempo em que denunciam sua ausência nos espaços religiosos, essas nós mulheres negras evangélicas ativistas sociais, nos colocamos numa postura dialógica com o fim de promover a reconciliação e formação de pessoas numa perspectiva antirracista e antissexista.

144

A proposta tradicional da educação cristã evangélica é fortemente baseada no modelo “bancário” de ensino de valores e na hierarquização de determinadas formas de conhecimentos e lugares de poder sexualmente determinados. O diálogo em suas dimensões e condições de existência não consegue ser fecundado plenamente nesses espaços por conta da orientação dogmatizadora que a fundamentalismo e o conservadorismo religioso operam.

Essa nossa postura dialógica não pode ser tomada de modo naturalizado. Ela é fruto de um processo de esforço pessoal e coletivo em direção à promoção de uma cultura de paz.

A igreja conservadora propõe o silêncio e a submissão. O movimento social a fala e a denúncia ativa. Onde encontramos as condições de existência par ao diálogo nesses dois espaços? Seria o movimento progressista evangélico um espaço de intermediação entre ambos? O que proponho, a partir da experiência coletiva das mulheres negras evangélicas da qual sou parte, é que costuras metodológicas estão sendo feitas. Mesmo que não consigamos modificar as estruturas internas de determinadas denominações eclesíásticas, estamos do “lado de fora” convidando para o diálogo.

A Prática Política

A compreensão teórico-metodológica sobre prática política que estou me inspirando, considera-a numa relação simbiótica com a produção teórica (teorização) (CURIEL, 2009). Entretanto, para fins de análise, a prática política será tomada em sua dimensão concreta nas relações sociais, em sua materialidade, no agir, fazer, intervir socialmente nos espaços públicos e demais espaços institucionais. Como afirma Curiel (2009), o que se tem produzido a respeito de nossas práticas políticas, digo, das mulheres latino-americanas, caribenhas e do terceiro mundo, percebe-se uma escassez numérica resultantes de condições econômicas e sociais desses contextos

Estas producciones tanto desde el ámbito académico como desde el movimiento mismo, son consideradas como puro activismo, como sistematizaciones de prácticas feministas no aptas para el “consumo” académico y teórico, por tanto no son las referencias de la mayoría de las feministas latinoamericanas, al contrario, nuestras referencias son las teorías y conceptos hechos fundamentalmente por europeas y norteamericanas. (p.76)

Ainda segundo Ochy Curiel, as feministas do Terceiro Mundo e América Latina devem reivindicar em seus lugares de sujeitas de sua história, experiências importantes de resistência e lutas produtoras da sua própria teorização. Desse modo, pensar nossa prática política requer um esforço para além de uma prospecção universalizante sobre o fazer política feminista. Por isso, a pergunta geradora destinada às interlocutoras dizia: *“Como a prática política te ofereceu instrumentalidade para o enfrentamento ao conservadorismo e o fundamentalismo religioso e político?”*

145

Nem sempre pensamos a prática política, enquanto processo de reflexão intelectual e construção de estratégias para o cotidiano. Enquanto produtora de saberes e conhecimentos, gestada por nós e para nós na condição de mulheres negras evangélicas ativistas em contextos de fundamentalismo e conservadorismo religioso. Pensar em ações de resistência que questionam a relação saber-poder perpetradas pela cultura religiosa colonizada vivida por nós como coloca a fala de E.G.

O aprendizado principal foi a capacidade de agir com estratégia. Visto que meu ambiente é o eclesiástico o embate de ideias não seria suficiente para alcançar as transformações desejadas. Então escolhi o caminho da estratégia. Por exemplo, no diálogo com as mulheres de igreja com um traço fundamentalista acentuado falar de feminismo fecha os ouvidos e os corações de quem ouve, então eu decidi falar sempre que luto pelo fortalecimento e a vida plena das mulheres. (FALA DE E.G., em situação de entrevista)

O depoimento trás o elemento da *estratégia* como central em sua prática política em contexto fundamentalistas e conservador. A adaptação da linguagem faz parte desse processo de aproximação e promoção de mudanças nas relações interpessoais com outras mulheres. Eu me recordo de um episódio que vivi no âmbito da organização de atividades educativas/estudos do Coletivo Vozes Marias. O momento do grupo era de aproximação da teologia feminista como referencial teórico preferencial para a postura epistemológica do grupo. Queríamos socializar esse conhecimento, mas sabíamos como essa teologia era marginal e rejeitada na comunidade teológica em Recife (e no Brasil), sobretudo porque usávamos a sala do prédio de uma denominação conservadora para nossos encontros. O que fiz? Com o intuito de não desencadear uma

perseguição virtual ao grupo e nem atrapalhar nosso acesso ao espaço físico, eu criei um cartaz com o seguinte título: “*Encontro do Vozes Marias como tema: A mulher e a Bíblia*”. Este cartaz foi divulgado e tivemos a presença de mulheres que nunca haviam comparecido a atividades do grupo. Dentre delas, algumas que se tornaram adeptas do CVM até hoje.

Penso que, se assumíssemos a linguagem política da teologia feminista naquele momento sofreríamos retaliações, uma vez que o grupo dependia do espaço físico para reuniões. Foi uma estratégia de promover a discussão e o recurso material que nos era necessário. E, nesse universo da linguagem e das estratégias, a E.G. utiliza metodologias que auxiliam nesse processo de promoção do bem viver coletivo e que reconhece o diálogo como central no processo

146

Por último, a opção radical pelo diálogo, por ouvir atentamente e buscar encontrar o sentimento a motivação da interlocutora ou do interlocutor. E nisso as metodologias da Justiça Restaurativa e da Comunicação Não Violenta são extremamente úteis, como saberes que auxiliam no processo de estabelecimento de diálogo e construção coletiva de vivências, fora do já estabelecido na estrutura –hétero-normativa-branca, considerando sempre a possibilidade de criar ambientes e espaços protegidos onde todas e todos, especialmente aquelas e aqueles mais vulnerabilizados, sintam-se acolhidos e possam se desenvolver livremente. (FALA DE E.G., em situação de entrevista).

As metodologias de Justiça Restaurativa e Comunicação Não-Violenta que são bastante utilizadas nos campos da segurança pública e política de proteção à criança e adolescente são reatualizadas numa perspectiva de gênero e raça. Ao sublinhar a existência da estrutura *hétero-normativa-branca* ela revela sua capacidade de leitura crítica do contexto social e se coloca no lugar de mediação da e para realidades existentes e realidades possíveis.

Em “*Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade*” bell hooks (2013) fala sobre a importância da língua e a linguagem entre pessoas oprimidas tem um potencial de cura da nossa integralidade como seres humanos, reconectando corpo e mente a partir da valorização das nossas experiências compartilhadas

Reconhecer que através da língua nos tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois, dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua. Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar anos mesmos e às nossas experiências

através da língua. Procuramos criar um espaço para a intimidade [...]. Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma palavra hegemônica, libertando-nos por meio da língua. (HOOKS, 2013, p. 233).

Assim, ao articular criticamente conhecimentos e propõe uma nova maneira de intervir (*práxis*) numa perspectiva emancipatória e revolucionária ao falar sobre liberdade. Desse modo, podemos pensar no conceito de *resistência*, tratado pelas teorias decoloniais, compreendido aqui como a dimensão de reinvenção de formas de viver em meio a estruturas colonizadas e colonizadoras (CURIEL, 2014)⁷. Já o depoimento da interlocutora W.M. revela uma prática política mais aguerrida, advinda de experiências adquiridas ao longo do seu envolvimento com os movimentos sociais e que a permitiu desenvolver uma postura crítica aguçada no interior da instituição religiosa da qual faz parte, sendo capaz de promover modificações institucionais até então não questionadas

147

Mesmo sem ter me filiado passei a ser uma simpatizante do PT participando de reuniões organizativas, oficinas de formação, assembleias, plenárias, manifestações, o que me instrumentalizou para procurar o Pastor-Presidente da organização religiosa protestante que frequentava para pedir o Estatuto Social e o Regimento Interno e indagá-lo sobre o porquê de os membros não serem convocados para aprovarem ou reprovarem os documentos oficiais em assembleias gerais ordinárias e extraordinárias. [...] A principal conquista que tivemos foi tanto o Estatuto Social quanto o Regimento Interno serem redigidos na linguagem inclusiva, proposta apresentada por mim na primeira reunião e a aprovação de que as mulheres fossem ordenadas aos mesmos cargos que os homens, ou seja, Diaconisas, Evangelistas e Pastoras, proposta apresentada pelo Pr. Wilson Barboza da Silva. (FALA DE W.M. em situação de entrevista).

A postura contundente e até desafiadora da W.M. revela também, um processo de empoderamento conquistado pelas ações de autoaprendizagem, autoatualização e verbalização/pronúncia vivenciadas em diferentes cenários como na dimensão profissional, familiar e educacional. Seu relato de vida, desde sua origem familiar até sua inserção nos movimentos sociais, apresenta sua persistência, melhor dizendo, re-existência no movimento religioso e no espaço institucionalizado do protestantismo. Quando temos acesso às ferramentas pertinentes para nos refazermos interiormente, damos um passo à frente na caminhada rumo à mudança social.

⁷ Conferência: El feminismo decolonial Latinoamericano y Caribeño: Aportes para las prácticas políticas transformadoras - Ochy Curiel. Universidade de Granada. Disponível em <> acessado em 01 de maio de 2019.

As pedagogias alternativas (GONH, 2013) oferecidas pelos movimentos sociais (rodas, aulas expositivas, conversas informais, e o intercâmbio entre sujeitas) desencadeiam um processo de autoaprendizagem que a permite mudar sua realidade pessoal e conseqüentemente a realidade em sua volta. Eu vivenciei isso durante minha trajetória no movimento progressista evangélico sem necessariamente ter realizado um curso de bacharelado em teologia, por exemplo. O relato da E.L. reconhece na prática política o *aprender fazendo*, como uma dimensão gratificante para sua autoformação

Estando sempre em lugar de aprendiz, de trocas, de debates e construções, estes espaços proporcionaram a constante busca pela formação a partir das individualidades, para ação em contexto de população. Ao pensar num espaço de formação para mulheres pretas para incidir pública e politicamente, consegui entender que a cada novo texto, nova escrita, nova leitura, nova ação, garante a possibilidade das disputas de narrativa e de contexto histórico e social. Foi gratificante ver o empoderar de mulheres quando se percebem donas de sua história e de sua narrativa. Foi e tem sido. (FALA DE E.L. em situação de entrevista)

A incidência política de que fala a E.L., decorrente desse *aprender fazendo*, se relaciona diretamente a organização e o ajuntamento de mulheres é uma importante e histórica estratégia de resistência e prática política das mulheres negras (CARNEIRO, 2008; RIBEIRO, 1997; DAVIS, 2014). A expressão *“juntas somos mais fortes”*, cunhada no interior dos grupos contra hegemônicos, simboliza essa potência da coletividade. Quando nós, mulheres negras evangélicas ativistas sociais promovemos o 1º Encontro das Mulheres Negras Cristãs estamos, na verdade, dando continuidade ao processo de luta contra a opressão colonial iniciado contra os povos originários de África e das Américas no percurso do século XV baseada na escravização e desumanização desses povos. E, pensando contemporaneamente e localmente na experiência democrática brasileira, reconhecemos os avanços políticos promovidos pela ação organizada do Movimento Negro, e em especial da articulação das Mulheres Negras, a exemplo de Marcha das Mulheres Negras em 2015

O Movimento de Mulheres Negras merece destaque quando refletimos sobre os saberes políticos. Ação das ativistas negras constrói saberes e aprendizados políticos, identitários e estético-corpóreos específicos. [...]. Essa ação tem desencadeado não somente reflexões e ações políticas, mas também a presença da raça como categoria de análise para que se compreender o machismo, o sexismo, as desigualdades sociais e as reedições do capitalismo nacional e internacional no campo da produção científica. O protagonismo das mulheres negras no Brasil assumiu um destaque ainda maior quando as mulheres negras de todas as regiões do país realizaram a Marcha Nacional das

Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e pelo Bem Viver no dia 18 de novembro, em Brasília. (GOMES, 2018, p.73)

Dessa maneira, o Manifesto produzido por nós durante o 1º Encontro de Mulheres Negras Cristãs, reforça esse protagonismo coletivo das mulheres negras, se alinha à proposta pedagógica e emancipatória do Movimento Negro e aponta para a construção de uma subjetividade desestabilizadora no interior do movimento progressista evangélico em contexto de conservadorismo religioso. Isso converge dimensões articuladas entre teoria e prática política, de tal modo que podemos perceber os efeitos disso nas micro-relações entre pares, quer seja na estrutura institucional de fé ou trabalho. Percebemos que somos fortalecidas em comunhão umas com as outras em nosso aprender a fazer, fruto de um processo constante e inacabado de autorrecuperação como afirma bell hooks

149

“Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não há brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco onde uma capacita a outra.” (HOOKS, 2013, p.85,86)

Por isso, a prática política nunca será um fim em si mesmo, como propõe as pedagogias feministas e libertárias. Será sempre um meio, um caminho de produção de conhecimentos, de partilha de saberes, uma revisitação de autocuidado e autopreservação, um passo para se chegar ao espaço adiante

São também inúmeras as mulheres que deixam de frequentar as suas igrejas, ainda que não se desfilie delas. São muitas as mulheres que abandonam por completo suas igrejas. Outras, nelas permanecem, mas com críticas. E ainda há aquelas que permanecem sem críticas. Há também mulheres que criam novos espaços de vivência da espiritualidade, sem abandono da fé, mas com abandono das características patriarcais das suas igrejas de origem. E, ainda, mulheres que combinam experiências religiosas e tradições, fugindo da regra da única pertença; fazem as suas próprias sínteses e sincretismos, imprimindo um dinamismo e criatividade à sua vida de fé (GEBARA, 2010; WOODHEAD 2001). (2015, p.1550)

É deste horizonte que os movimentos feministas em sua globalidade se reatualizam a partir das experiências contextualizadas das mulheres em suas práticas políticas cotidianas: suas ações, vozes, sentidos e sentimentos e escolhas em marcha com direção para o bem viver e para a vida plena.

Considerações

Em “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade”, mais uma vez bell hooks resgata a ação revolucionária baseada no amor e no diálogo cultivado através de uma educação engajada. Enquanto mulher negra intelectual e religiosa, eu acredito que só amor poderá salvar a humanidade da barbárie.

Eu comungo do dito por Lélia Gonzales que “*tornar-se negra é uma conquista*”. Nascer mestiça, moreninha, morena clara, amarelada é uma imposição cultural baseada no branqueamento que prevê a dissolução da identidade racial de uma grande população negra brasileira. Eu passei por isso. Eu ainda passo por isso. Reconhecer-me como negra e ter que me afirmar cotidianamente em espaços de poder branqueados como a universidade pública e a igreja evangélica brasileira, é emocionalmente e moralmente desgastante. E eu percebo que essa luta diária também é corrosiva para minhas irmãs negras evangélicas.

150

As ditas disputas de narrativas na academia e na religião cristã protestante enfadadas, mas em contrapartida, também são parte da construção e do resgate da história do povo negro em sua humanidade e dignidade. Combater a colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser em contexto eurocentrado, falocêntrico, androcêntrico e machista como o religioso protestante é uma tarefa interminável “até que todas sejamos livres”.

É essa mesma colonialidade que afeta as relações de poder entre nós mulheres de todas as cores e etnias. É ela que gera entre nós disputa e incompreensões, dissensões e hierarquias de opressões e que de fato, fragmenta a luta feminista em sua ampla formação mundial. O que acontece quando as mulheres feministas religiosas não são acolhidas pelo movimento feminista tradicional? O que acontece quando as mulheres negras não são consideradas na radicalidade necessária em contexto colonial do saber protestante? O que acontece quando a teologia eurocentrada marginaliza, criminaliza a incidência dos movimentos sociais na reivindicação por direitos e justiça social? A urgência pela adesão à um novo paradigma justo e livre da dominação de uns poucos sobre muitos faz parte do discurso e das práticas das mulheres negras evangélicas que são ativistas sociais.

Não é à toa que os movimentos sociais são espaços privilegiados para uma atuação antissexista e antirracista dessas mulheres, uma vez que é nesses espaços onde há uma maior possibilidade de desestabilizar os condicionantes hierárquicos de grupos de poder e os interesses das cúpulas masculinista das igrejas e organizações delas derivadas. Então, é nessa “fissura” proporcionada pelos movimentos sociais que a educação não-formal cria possibilidades, abre espaços físicos, promove encontros, realiza formações educativas baseada no diálogo e na crítica lapida as habilidades que as mulheres negras evangélicas já

desenvolvem em suas comunidades de fé e seus territórios de convívio familiar e comunitário.

O ativismo (ou a participação política) protagonizado por nós, mulheres negras evangélicas, sinaliza a possibilidade de se repensar a concepção hegemônica de fé e a democracia no Brasil. Uma fé que não é idiotizada e alheia ao meio social em que foi inserida. Uma democracia que superou os padrões ocidentalizados e do Norte e começa a pensar as autenticidades do Sul e a perspectiva das mulheres em sua visão de mundo. Por isso, a luta das mulheres negras não é apenas sobre sobrevivência, é sobre vivência de abundância de justiça e paz para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, Narrativa e Pesquisa Autobiográfica/** Maria Helena Menna Barreto Abrahão. História da Educação. ASPHE/Fae/UFPel, Pelota, n.14, p.79-95, set. 2003.
- AQUINO, Maria Pilar; TÁMEZ, Elsa. **Teología Feminista LatinoAmericana.** Maria Pilar Aquino e Elsa Támez. – Editora Abya Yala; Quito – Ecuador; 1998.
- BRANCHINI, Diná da Silva. **Religião e Identidade: um estudo sobre os negros metodistas da região metropolitana de São Paulo/** Diná da Silva Branchini – São Bernardo do Campo, 2008.
- BRASIL, **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil.** Mariana Mazzini Marcondes, Luana Pinheiro, Cristina Queiroz, Ana Carolina Querino, Danielle Valverde (Organizadores) / Brasília, 2013
- CAMURÇA, Carmen Silva. **Experiências em pedagogias feminista /** Carmem
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento.** REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS 17 (49), 2003.
- CAROSIO, Alba. **Feminismo latinoamericano: imperativo ético para la emancipación** In.: Género y Globalización. CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor - Buenos Aires. 2009.
- COLLINS, Patricia Hill. **EM DIREÇÃO A UMA NOVA VISÃO: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão** In.: MORENO, Renata (Org.). Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 4). ISBN 978-85-86548-26-0
- COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso.** Cadernos Pagu (51), 2017 :e175118. ISSN 1809-4449.
<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510018>

CORRALES, Johana Barreneche-. **O método autobiográfico e a pesquisa social, Testemunhos e histórias de vida** / Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

COSTA, Claudia de Lima. **A URGÊNCIA DO PÓS-COLONIAL E OS DESAFIOS DOS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS**. Terceira Margem • Rio de Janeiro • Número 20 • pp. 70-85 • janeiro/julho 2009 • 70

COSTA, Claudia de Lima. **Feminismos descoloniais para além do humano**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

COSTA, Claudia de Lima. **Feminismos e pós-colonialismos**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(2): 336, maio-agosto/2013.

152

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el Feminismo: Una perspectiva desde la America Latina y el Caribe**. Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista realizado en Buenos Aires en junio de 2009, organizado por el grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS) y el Instituto de Género de la Universidad de Buenos Aires.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

FLICK, U. 2009. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião**. Ivone Gebara. – São Paulo - Ed. Olho D'água. Setembro/1997.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. In: Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático**. Revista Política e Sociedade – UFSC; Nº 11 – outubro de 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação** / Nilma Lino Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 2ª reimpressão, 2018.

GONH, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. - Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014.

GONZALES, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**: tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico por amostragem de domicílio**. DF - Brasília, 2010.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dossiê Mulheres Negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. DF-Brasília, 2013.

JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista In: **Gênero, corpo, conhecimento** / Alison M. Jaggar, Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. - (Coleção Gênero; 1). Tradução de: Gender, body, knowledge ISBN 85-01-04345-1

153

JOSSO, MARIE-CHRISTINE. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, MARIE-CHRISTINE. **Experiências de Vida e Formação**; prefácio Antônio Novoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Marina Viana. – São Paulo: Cortez, 2004.

KOROL, Claudia. **Hacia una pedagogía feminista** - 1º 1a ed. - : El Colectivo, América Libre, 2007. Korol, Claudia (comp.) 256 p., 22 x 15 cm. ISBN: 978-987-23514-5-8

LAGARDE DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Universidade Nacional Autónoma de México. 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Memória e estudos autobiográficos**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p.47-61, set.2003.

LUGONES, María. **Colonialidad e Género**. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre ISSN 1794-2489, 2008.

NEVES, Sofia. **Investigação Feminista Qualitativa e Histórias de Vida: A libertação das vozes pelas narrativas biográficas** / In Magalhães, Maria José (ed.), Lima Cruz, Angélica (ed.), Nunes, Rosa (ed.) Pelo fio se vai à meada: percursos de investigação através de histórias de vida Lisboa: Ela por Ela. (2012)

PASSEGGI, M. C. y Souza, E. C. (2017). **O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**/ Revista Investigacion Cualitativa Passeggi/ Investigación Cualitativa, 2(1) pp. 6-26. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

PASSEGGI, M. C. y Souza, E. C. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PEREIRA, Nancy Cardoso. **Palavras: se feitas carne: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos** / Nancy Cardoso Pereira; [organização Rosângela Borges]. - São Paulo – Católicas Pelo Direito de Decidir, 1ª edição, 2003; 1ª reimpressão, 2013; - (Coleção Cadernos; 2011)

PINTO, Geise Pinheiro. **Mulheres Negras Evangélicas no Brasil: violências, lutas e resistências**. Tese de Doutorado – UFMG. Belo Horizonte, 2018.

RAGO, Margareth. **EPISTEMOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HISTÓRIA**. Depto de História - UNICAMP. *Este artigo foi publicado em Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) - MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Matilde. **MULHERES NEGRAS: UMA TRAJETÓRIA DE CRIATIVIDADE, DETERMINAÇÃO E ORGANIZAÇÃO**. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais – Nemos (PUC/SP). Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008

154

ROSADO-NUNES, Maria José. **Direitos, cidadania das mulheres e religião**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 2 - pp. 67-81. Nov/2008.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. **Pedagogia Feminista como Possibilidade de Construção de Novas Relações de Gênero**. Revista Ártemis. Edição V.14, ago-dez, 2012. Pp.174-182.

SANTOS, Boaventura dc Sousa. **Um discurso sobre as ciências** / Boaventura de Sousa Santos. — 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SCOTT, Joan. Experiência. In.: **Falas de Gênero: Teorias, Análises e Leituras** / Organizado por Alcione Leite da Silva, Maria Coelho de Souza leão e Tânia Regina Oliveira Ramos. – Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. P.21-55.

SEGATO, RITA LAURA. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. 18 | 2012: Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical. E-cadernos ces.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Mulheres evangélicas na política: tensionamentos entre o público e o privado** / Evangelical women in politics: stress between public and private. Dossiê: Relações de Gênero e Religião – Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1261-1295, jul./set. 2015 – ISSN 2175-5841. Artigo original DOI – 10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1261

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Revista Escola.